



## GÊNERO E LIMITES NA OBRA MEDEIA DE EURÍPIDES

Darcylene Pereira Domingues<sup>1</sup>

### Resumo

A nossa intenção neste trabalho é discutir a respeito dos limites sociais impostos a partir de uma perspectiva de gênero representada e expressa na nossa fonte de pesquisa, uma tragédia grega. Medeia escrita pelo trágico Eurípidés no ano de 431 a.C, é uma poesia que encena diferentes comportamentos femininos no teatro e que conseqüentemente evidência as limitações sociais da mulher naquele período histórico assim como também algumas rupturas expressivas dentro do sistema da *pólis*. E essa nova forma de convívio inaugurado pelos gregos entre os séculos VIII e VII, favorece uma extraordinária superioridade da palavra sobre todos os outros instrumentos de poder.

**Palavras-chave:** Tragédia, gênero, medeia

A tragédia grega surge especificamente no século VI e V<sup>2</sup> e recebe influências diretas dessa nova forma de convívio que é caracterizada pelo aparecimento da *pólis*<sup>3</sup>, um marco intelectual do pensamento grego porque está associada a um contexto específico como nos afirmam Vernant e Vidal-Naquet “a tragédia grega aparece como um momento histórico delimitado e datado com muita precisão. Vêmo-la nascer em Atenas, aí florescer e degenerar quase no espaço de um século” (VERNANT; VIDAL-NAQUET, 2005, p. 2). Assim, essa organização social e particular do caso grego modifica as relações entre os homens que anteriormente em outros períodos eram verticalmente hierarquizadas. Assim, entendemos a tragédia não como apenas uma forma de arte e expressão humana e sim como uma instituição social pois a cidade se faz teatro e representa diante do público a sua representação. Por isso, os personagens escolhidos em nossa análise embora marcadamente femininos ao mesmo tempo apresentaram diferentes concepções de limites e de experiência.

Para tal estudo, primeiramente enfatizamos a presença do Coro feminino personificação das mulheres moradoras da cidade portuária de Corinto, *pólis* essa local de exílio da família de Jasão até o momento. Lembramos que essa cidade foi escolhida pelo herói após todo percurso de volta a Grécia, pois a nau Argo<sup>4</sup> teria sido levada imediatamente por Jasão para cidade de Corinto, onde ele prestaria homenagem ao deus Posídon. O coro


<sup>1</sup> Graduanda, Universidade Federal do Rio Grande, darcylenedomingues@gmail.com

<sup>2</sup> As datas referentes a produção trágica são a.C.

<sup>3</sup> Denominação escolhida no presente trabalho referindo-se ao sistema de cidades-Estados gregas.

<sup>4</sup> Para melhor compreensão do mito dos argonautas citamos como auxílio o dicionário mítico-etimológico de Junito Brandão de Souza.





feminino que pronuncia seus posicionamentos em cena é um personagem coletivo que segundo Vernant e Vidal-Naquet (2005) possuía o papel de exprimir os temores da cidade, suas esperanças, interrogações e julgamentos por isso possui destaque na tragédia. Desta forma, vemos coro, em diversos momentos, compadecido com a dor de Medeia, pois somente elas, as mulheres podem entender a dor do abandono.

E no outro extremo em cena, temos Medeia a princesa nascida na região da Cólquida, terra agraciada com o velocino de ouro, pele de um carneiro prodigioso e alado. Uma personagem individual que erroneamente, às vezes, é caracterizada de maneira simplista ou com expressões fortes e cheias de sentido que tentam definir a totalidade do personagem como por exemplo Brandão que afirma “Medeia, em tudo que fazia, sempre colocou a paixão como fio condutor das suas ações” (BRANDÃO, 2015, p.199). Assim, suas atitudes terrivelmente desmedidas, contudo muito bem arquitetadas, demonstram o poder de destruição do feminino quando os seus sentimentos são ofendidos por um homem. Ressaltamos que esse poder citado pelo autor Brandão é característico de um estigma que associa o feminino ao caos, a destruição.


Por outro lado, sabemos que a mulher apresenta um papel fundamental para a manutenção da *pólis* provendo a continuidade de cidadãos legítimos e não evidentemente o oposto, a destruição desse sistema. Ambas personagens, individual e coletiva, caracterizam e personificam o papel social da mulher na Grécia clássica, que segundo Mosse (1990) se realizava na instituição do matrimônio e conseqüentemente sendo progenitora. Entretanto, num momento de conflito, manifestado no abandono da figura masculina do *oikos*<sup>5</sup>, os posicionamentos são díspares o que nos caracteriza diferentes limites do humano, especificamente do feminino.

Desta forma, a leitura que realizamos na tragédia é através de uma perspectiva de gênero elucidando o discurso do coro digno de uma mulher grega que mantém esse modelo androcêntrico de sociedade e a fala verborrágica da personagem Medeia. Entendemos a perspectiva de gênero como algo relevante devido as construções sociais que foram determinadas historicamente para cada sexo, como nos demonstra Scott “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseados nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995, p.86), assim são construídas e representadas social e historicamente.

---

<sup>5</sup> Pode ser denominado contemporaneamente como local de moradia.



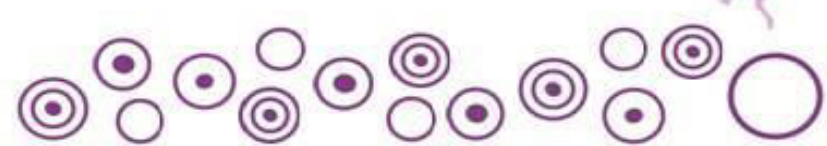



Os diálogos entre o feminino são parecidos, se beiram em diversos momentos pois o peso do desamparo masculino só pode ser sentido pelas mulheres. No instante que as lamentações de Medeia são ouvidas pela primeira vez o coro se aproxima e diz “não me alegre não, ô mulher, com as dores desta casa” (138) “Se o teu esposo venera estas camas frescas, não te aflijas! Zeus, disto, te fará justiça!” (155). Assim, observamos que para esse grupo de mulheres gregas a atitude realizada pelo masculino é punitiva, porém por ordem divina, não natural.

Medeia por outro lado, deseja realizar a intervenção diretamente pois ela não possui as mesmas limitações e experiências que essas mulheres, ela reconhece a diferenciação perante esse feminino, por isso afirma “mulheres de Corinto, eu saí de casa”, enfatizando a sua condição de estrangeira naquela terra. Porém, pede auxílio dessas mulheres pois elas reconhecem o peso necessário de sua reparação social “Então, o que eu queria de ti é isto: se eu tiver alguma chance encontrar um meio engenhoso de, com justiça, fazer meu marido pagar por esses males... Não conteis nada!” (260). E o coro concorda prontamente e afirma “Isso farei, pois é justo dar o troco ao marido, Medeia. E lamento, não admiro tua sorte” (268).

Então como demonstrado acima por meio das falas dos personagens, no primeiro momento da tragédia os femininos aproximam-se devido o conhecimento da dor, da perda e do abandono sofrido. Esses diferentes femininos viviam experiências humanas e limites sociais próximos, pois eram caracterizadas androcentricamente como esposas e mães e somente elas poderiam sentir-se colocada num limbo social dentro da sociedade. Porém, suas reações a respeito desse acantonamento são diversas e elas se completam na argumentação, cumplicidade e na busca da justiça.

Essa diferenciação entre o feminino grego e o bárbaro fica mais evidente no trecho após a sentença e a saída do rei Creon de cena, o coro pronuncia “Mulher!Infeliz! Inútil por dores tão tuas! Por onde, enfim, vagarás? Qual estrangeira casa, qual chão redentor de males acharás?” (358). A situação de exílio para esse feminino é algo mortal, pois elas possuem raízes na polis que vivem, diferentemente de Medeia que é estrangeira na cidade. Porém a situação de desamparo da figura masculino é sentida por igual pois segundo Mosse (1995) uma palavra que defini juridicamente a situação da mulher na *pólis* grega é “eterna menor” pois o feminino necessitava de um *kyrios*, para a administração dos bens. Essa manutenção da presença masculina ocorria primeiramente por meio da figura do pai e posteriormente pelo esposo. Entretanto, a realidade de Medeia, abandonou o seu lar paterno para ancorar-se a Jasão que agora a deixa a deriva, por isso as mulheres se compadecem o fado da princesa que





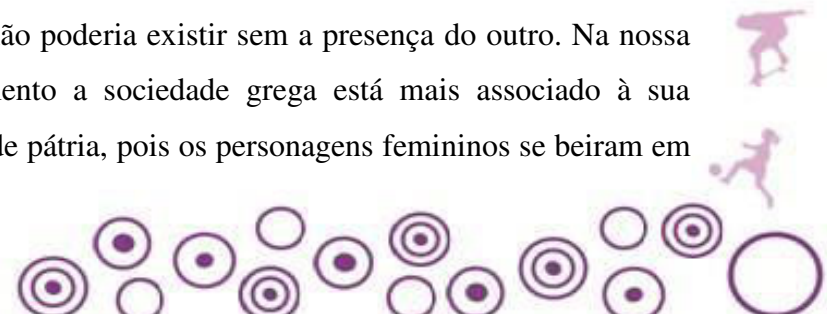
é exilada da cidade e não pode retornar a casa paterna após o assassinato cometido contra o seu próprio irmão, uma realidade diferente desse feminino do coro que possui âncora segura dentro do *oikos* paterno, por isso o coro afirma “das misérias não há outra mais alta que de terra pátria ser privada” (650).


Após conseguir refúgio na cidade de Egeu, personagem masculino que é introduzido em cena para representar a localidade que a princesa poderá ir após os crimes cometidos, Medeia afirma: “Agora belas vitórias sobre meus inimigos, queridas, teremos! É a rota que trilhamos. Agora tenho a chance de justiça”. É neste instante que Medeia demonstra o seu plano final: convencer Jasão de que estava errada, oferecer presentes envenenados a Glauce e matar os próprios filhos.

É nesse momento que os dois tipos de femininos, o coletivo e o individual se afastam, e o coro se pronuncia questionando a resolução dessa atitude “depois que nos contaste este plano, desejando te ajudar e cumprindo as leis dos vivos suplico: não faças tal coisa” “Ousarás matar a tua semente, mulher?” (812).

Essa atitude é vista como algo impensável para essas mulheres que se visualizam como progenitoras de filhos legítimos e mantenedores de linhagem, Medeia é pertencente a esse sistema. Pois quando abandonou casa paterna abdicou de seus privilégios como sacerdotisa de Hecáte e agora possui os regramentos sociais da sociedade de seu marido, e por isso titubeia afirmando “mulheres, lavarei meus meninos desta terra. Por que, carece ferir o pai como esses males e ter para mim o dobro da desgraça? Não mesmo. Adeus plano” (1045). O diálogo que segue possui 60 versos intensos que são por muitos caracterizados como um monólogo, pois Medeia está deliberando consigo mesma, buscando respostas no seu interior, na sua experiência humana.

Indubitavelmente, pode ocorrer o questionamento a respeito da pátria de Medeia, pois lembramos que a princesa não é considerada grega, fato que é evidenciado na sua própria fala: “Ao forasteiro só cabe achegar-se muito a cidade” (220). Assim, observamos que a personagem reconhecia a diferenciação existente entre ela e o coro. Entretanto, não evidenciamos esse de fato de Medeia ser considerada estrangeira ou bárbara na tragédia de Eurípidés, embora saibamos que a situação dos estrangeiros em diversas cidades gregas era diferente, porém a sua exclusão ou demarcação social era muito característicos. A sociedade grega demarcou muito a fronteira que existia entre o cidadão e o estrangeiro como nos afirma Nicole Loraux (1993), embora a *pólis* não poderia existir sem a presença do outro. Na nossa leitura da personagem, esse pertencimento a sociedade grega está mais associado à sua condição de mulher, e não de exclusão de pátria, pois os personagens femininos se beiram em





diversos momentos mesmo sendo de origens diferentes. Assim, observamos que Medeia de alguma forma não consegue condizer socialmente a esse universo androcêntrico que é a *pólis*, porque evidentemente ela está sempre cerceada por uma concepção masculina que a tolhe, independente da sua situação de origem. Desta forma, a leitura que realizamos na tragédia é através de uma perspectiva de gênero elucidando o discurso do coro considerado como digno de uma mulher grega que mantém esse modelo androcêntrico de sociedade e a fala verborrágica da personagem Medeia. Entendemos a perspectiva de gênero como algo relevante devido as construções sociais que foram determinadas historicamente para cada sexo, como nos demonstra Scott “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseados nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995, p.86), assim são construídas e representadas social e historicamente.

Sabemos que o final da peça é trágico Medeia produz enganos e ardis com a força da sua palavra, ela é possuidora de *métis*<sup>6</sup>, consegue envolver todos os personagens no percurso de suas ações, por isso afirmamos que Medeia, era o próprio conceito de *phármako*<sup>7</sup>, ela é remédio e veneno, redentora e destruidora, além de conhecedora da violência dos seus atos, miasmas acrescentados durante sua vida, manchas que já haviam corrompido sua própria prole. Essa atitude do humano, expressa na desmedida de Medeia demonstra o reflexo de sua experiência em outros crimes que já haviam demonstrando a falta de seu limite social, pois sangue familiar já estavam em suas mãos.

Portanto, Eurípides representa em cena essas duas concepções de femininos que se completam e se diferenciam ao mesmo tempo, pois durante o percurso de suas vidas possuíram diferentes experiências do humano e de seus próprios limites. Dessa forma, suas atitudes em cena e na deliberação dos seus atos são características primeiramente, representado no coro, a manutenção do poder de decisão e ação na figura do masculino, e Medeia, que destrói com o feminino androcêntrico

## Referências

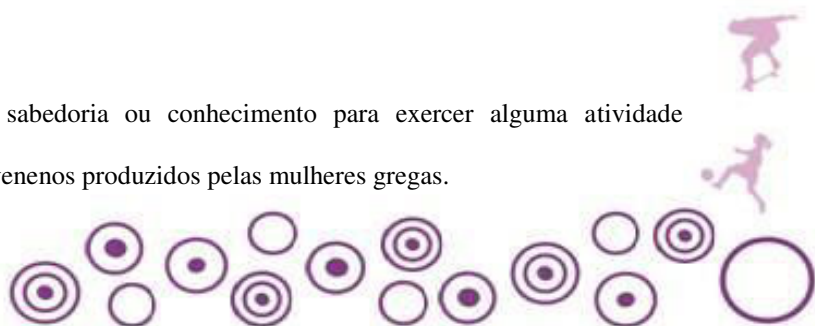
**Fonte:** EURÍPIDES. Medeia. Tradução: Trupesa. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013


**Dicionário:** BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega.** Petrópolis: Editora Vozes, 2015

---

<sup>6</sup> Podemos contemporaneamente traduzir por sabedoria ou conhecimento para exercer alguma atividade intelectual específica.

<sup>7</sup> Expressão utilizada para denominar remédios ou venenos produzidos pelas mulheres gregas.





LORAUX, Nicole; CASSIN, Barbara; PECHANSKI, Catherine. **Gregos, bárbaros, estrangeiros: a cidade e seus outros**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993

MOSSE, Claude. **La Mujer em la Grecia Clásica**. Madrid: Nerea, 1990

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99. Disponível em: [https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod\\_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf](https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf) acesso: 15 jul. 2015

VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. **Mito e Tragédia na Grécia Antiga**. São Paulo: Perspectiva, 2005





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

